

sangue novo

Hebert Moah, entre o rock e tudo que há além

Andressa Pufal

Nascido em uma atmosfera ricamente musical, surpresa seria se Hebert Moah enveredasse para outro lado. Impulsionado por seu pai, Serginho Moah, o compositor de 28 anos desde o início mostrou-se íntimo das melodias, notas, timbres e ritmos. Depois de uma década de trajetória na música, com passagem pela banda Teto Raso, carreira solo e dezenas de shows em espaços da Capital, Hebert Moah lança seu terceiro single.

Foi passando pela esquina da Joaquim Nabuco com a José do Patrocínio que “o sol bateu diferente” e veio a inspiração para o refrão de *A vista e a poesia*: “Sempre que eu saio da cidade/ Eu sinto falta da minha rua/ Da sua compa-

nhia/ Que me garantia/ A vista e a poesia”.

Num caldeirão de referências, a canção mistura os sopros da *soul music* e a guitarra cheia de *chorus* da música indie, trazendo traços de MPB, indie rock e R&B. O músico porto-alegrense viajou até São Paulo para gravar o som no estúdio Tangará, depois de ser contemplado pelo edital Tangará Co+Lab. A canção, com letra e harmonia de Hebert, foi gravada em parceria com a banda Entalpia.

Foi em 2020 que os acordes e palavras de *A vista e a poesia* afloraram. Como uma viagem ao passado, aquele sol certo na Cidade Baixa ilumina um Hebert que buscava entender a sua trajetória e, acima de tudo, o amor. “Acho que é reflexo de alguém querendo



GABRIELA FELIN/DIVULGAÇÃO/JC

Novidade na cena, filho de Serginho Moah traz composições que misturam MPB, indie rock, pós-punk e shoegaze

criar uma trajetória, amadurecer e conquistar os próprios objetivos, mas não quer fazer isso sozinho, quer fazer isso com alguém especial”, explica.

Desde a adolescência já tocava baixo, instrumento preferido de um jovem interessado em indie rock, pós-punk, shoegaze e a tradicional MPB das antigas. Para conseguir compor, numa iniciativa autodidata, aprendeu a tocar o violão. Apesar de crescer em um ambiente

musical, Hebert avalia que a maior parte das referências que construíram sua identidade musical vieram de sua busca individual por novos sons. “Isso me diferencia um pouco do pop que meu pai faz”, pondera. “Mas o que me inspira nele é a trajetória que ele construiu.

Um cara sair de Uruguaiana, vir para a cidade grande e conseguir uma carreira sólida do jeito que ele criou é sempre muito inspirador.”

Falando em ser inspirador,

Hebert também adentra portas que foram abertas há pouquíssimo tempo. Um homem negro fazer sucesso na cena underground, com guitarra elétrica, fazendo indie rock, fazendo pós-punk não é algo que se vê com muita frequência. “Só da gente estar ali se expressando num gênero musical que não tem tantas pessoas negras quanto em outros estilos musicais já é um baita negócio. Queremos estar presentes cada vez mais.”

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe de redação do Jornal do Comércio traz sugestões para aproveitar ao máximo a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, tem espetáculo de balé, festa para dançar sem parar, show com clássicos do rock e até partida de futebol na tela do cinema!



Ela está de volta neste sábado — e com entrada gratuita. Por isso, minha dica não poderia ser outra: a *Boys Don't Cry* toma conta do Viva Open Mall em mais uma noite comandada por Mauro Borba e Luciano Mazim, com muita nostalgia, clássicos do rock e hits que marcaram a adolescência das gerações X e Y. A festa leva o nome de um clássico do The Cure, banda icônica dos anos 1980 — e que ocupa o topo da minha lista de favoritas. Para quem quer reviver o clima das reuniões dançantes, relembrar os velhos tempos, dançar e curtir com os amigos, a sugestão é chegar cedo, garantir um bom lugar e aproveitar cada minuto da *Boys*.

Cristine Pires,
editora-assistente de
Economia - JC



Minha dica para o ‘finde’ é o espetáculo de balé *Pena*, da dançarina Silvia Wolff. Após estudar nas melhores escolas de dança do mundo e construir uma sólida trajetória no balé, a artista sofreu um AVC que lhe deixou sequelas físicas. Agora, Silvia retorna aos palcos explorando o conceito de ‘balé possível’, questionando as regras do belo, da perfeição e do ideal — tão específicos no contexto desta dança. A sessão é domingo, às 19h, no Estúdio Stravaganza. Ingressos custam a partir de R\$ 30,00 e podem ser adquiridos pelo site do Sesc Cultural. Além de encantar, *Pena* questiona o capacitismo, reinventa a dança e confronta os significados simbólicos do corpo deficiente.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura - JC



Jogos de futebol e as telonas do cinema não costumam ter motivos para se encontrar. A não ser que a ocasião seja especial, como será neste sábado, a partir das 13h, quando rola a bola para Arsenal x PSG, pela final da Liga dos Campeões em Budapeste, na Hungria. O duelo entre ingleses e franceses pelo título europeu é atração nas salas do Barra Shopping Sul, Shopping Iguatemi, Praia de Belas, no Shopping Total e no Bourbon Country. Com os dois melhores times da temporada em campo, a promessa é de emoção do início ao fim em um nível de enfrentamento que, infelizmente, já não estamos mais acostumados a ver no futebol brasileiro, que dirá no Rio Grande do Sul.

Cássio Fonseca,
repórter do JC



Para quem gosta de curtir um bom rock na noite de sábado, o Grezz (espaço do Quarto Distrito geralmente dedicado ao jazz e à música instrumental) oferece uma opção bem interessante. Trata-se da banda Ziggy, que foge do padrão dos shows tributo ao dedicar seu *set* a dois álbuns clássicos, de artistas diferentes: Lou Reed (*Transformer*) e David Bowie (*Ziggy Stardust*). Os dois discos são tocados na íntegra, por um time de gabarito — gente que toca ou já tocou com Pata de Elefante, Cartolas, Vera Loca, Funkalister e por aí vai. Chance de ouro para mergulhar em canções que, surgidas lá nos anos 1970, seguem ditando caminhos para quase tudo que se faz no mundinho do rock.

Igor Natusch, editor
de Cultura do JC